

BCP – UMA UNIDADE DE SALGA DE PEIXE NA RUA AUGUSTA, LISBOA

por

Jacinta Bugalhão e Armando Sabrosa

Resumo: O antigo braço de rio que ia até ao actual Rossio delimitava uma vasta área industrial romana (com vestígios de ocupação púnica) constituída por vários núcleos de fábricas de salga de peixe já detectadas na Rua dos Fanqueiros (1991), Casa dos Bicos (1981-82) e na Rua Augusta (1991). Nesta última escavou-se uma fábrica - tanques, pátios, poço e instalações anexas - tendo-se ainda detectado loiça comum, completa, recolhida num tanque.

Palavras-chave: Indústria. Exportação. Musealização.

Na zona baixa da cidade, na restinga formada pelo Tejo e pelo braço de rio que nele desembocava, estendia-se a área industrial da cidade, formada por múltiplas unidades fabris de salga e conserva de peixe e preparação de molhos, que se prolongava por uma área ainda não totalmente determinada, mas, decerto, extensa.

A fábrica ou fábricas aqui apresentadas estiveram em laboração até meados do século V d.C. e eram constituídas por tanques — cetárias — de dimensões diversas, troços de pátios onde se distribuía o peixe, poço e edifícios de apoio à unidade fabril, onde eventualmente se processavam as primeiras transacções comerciais dos produtos finais desta indústria.

Elemento essencial correlacionado com a actividade conserveira do peixe era o fabrico do vasilhame para as conservas destinadas, em grande parte, no caso do estuário do Tejo, à exportação para os mais diversos pontos do Império. O estudo deste vasilhame — as ânforas — fornece dados importantes sobre a cronologia de laboração das fábricas, tipo de produção, vias comerciais do Império nos seus momentos de crise e expansão e focos de produção oleira local relacionados com esta actividade industrial.

Este trabalho refere-se às estruturas e materiais identificados durante a primeira campanha nesta estação, que se realizou entre Junho e Outubro de 1991. Já a esta data constituiu a escavação mais extensa em área de uma estrutura indus-

trial romana, em Lisboa e a segunda maior do país (a seguir a Troia) (Planta I). Entre Dezembro de 1993 e Março de 1994, decorreu a segunda campanha de escavação em que, não só se alargou consideravelmente a área já intervencionada, como se desmontaram, na área inicial várias estruturas de períodos posteriores ao romano, libertando assim mais espaços da estrutura fabril. Esta campanha marca também a opção deliberada da valorização das estruturas romanas como realidade a musealizar, pela razão de ser este o único contexto com legibilidade e qualidade suficientes para desempenhar um papel pedagógico, junto do observador comum. De facto, as estruturas romanas encontram-se em razoável estado de conservação, cobrindo a quase totalidade da área escavada. Por outro lado, o facto de se tratar de uma estação escavada na actualidade e segundo os métodos e técnicas de registo mais recentes permitiu o acesso da comunidade científica a dados importantes para a investigação que poderão e deverão ser explorados no máximo das suas potencialidades. Devido à grande quantidade de informação a processar, os responsáveis científicos da estação (Dr. Clementino Amaro, coadjuvado pelos autores) optaram por avançar parcelarmente no estudo dos diversos tipos de materiais (pessoalmente ou entregando-os a outros investigadores), que serão apresentados à medida que forem sendo concluídos, sem excluir a possibilidade da publicação de uma monografia final que os integre a todos. No que diz respeito ao contexto romano, apresentamos aqui um estudo global do material anfórico recolhido durante a 1ª campanha, fundamental na âmbito da indústria de salga e conserva de peixe e rico dados cronológicos e funcionais.

Esta(s) fábrica(s) insere-se num conjunto mais vasto que seria a área industrial de Olisipo, de que já se conhecem várias parcelas e que ocuparia toda a zona baixa junto ao rio e esteiro (ver Planta II). O reconhecimento destes locais tem contribuído para a definição da extensão real da área ocupadas pelas unidades de salga, fornecendo também elementos sobre a topografia da cidade romana na sua zona ribeirinha. Por outro lado, a própria compreensão de outras estruturas conhecidas do urbanismo romano poderão vir a beneficiar com estes novos dados. Por exemplo, as chamadas “termas da Rua da Prata”, conjunto cuja função e significado se tem revelado de interpretação polémica, poderão ser analisadas em função da sua posição relativa com a zona industrial, que a “envolve” por completo.

O conjunto de estruturas aqui apresentadas caracteriza-se pela simetria da disposição e orientação dos tanques, dos grupos de diferentes dimensões, do posicionamento dos pátios e das áreas de acesso, etc. Toda a área industrial se vira para a margem, via por onde chegam as matérias primas — peixe, sal, ânforas e outra loiça (provavelmente na sua maioria, provenientes das grandes olarias da margem sul do estuário (Planta II)), e por onde saem os produtos finais. Assim, as fábricas prolongam-se perpendicular e paralelamente ao esteiro, com uma orientação NO-SE. A descrição da estruturas postas a descoberto durante a primeira

campanha foi já exposta na primeira publicação de apresentação da estação¹. Na segunda campanha, para além do prolongamento das estruturas fabris, surgiram novos elementos qualitativamente falando, que contribuíram principalmente para uma melhor compreensão da articulação da área industrial na cidade de Olisipo. Referi-los-emos de uma forma rápida uma vez que tal se afasta do propósito primeiro desta publicação, publicando, no entanto, ineditamente, a planta geral dos novos achados (ver Planta I). Do ponto de vista estrutural, salientam-se:

– parte de um estabelecimento de banhos, com três tanques de água fria, a que se tem acesso por uma sala parcialmente posta a descoberto, pavimentado com um mosaico policromático (o primeiro, *in situ*, da cidade).

– um troço de via, pavimentada a lages calcárias de forma geométrica (quadrada ou rectangular) e ladeada, de um dos lados, por um muro. Esta via seria uma das saídas da cidade (para Oeste) e integra-se com extraordinário rigor no esquema urbanístico proposto por Vasco Mantas para Olisipo².

Considerações acerca da cronologia destes elementos são, para já prematuros e conjecturais, uma vez, que os materiais exumados ainda não foram alvo de um estudo, ainda que preliminar. Outra novidade interessante, do ponto de vista estratigráfico, foi a identificação de um estrato, de ocupação romana, anterior à ocupação do espaço para fins industriais. O significado desta ocupação ainda não se encontra totalmente esclarecido devido às características irregulares e pouco homogêneas da camada estratigráfica (umas vezes quase estéril, outras vezes abundante em material), mas foi possível detectar a sua utilização como necrópole (mista, de inumação e incineração) e a presença de umas enigmáticas estruturas de combustão que integram elementos de ânforas vinárias Haltern 70, cortadas deliberadamente, no sentido longitudinal.

A fábrica em estudo destinava-se maioritariamente à produção de conserva de peixe salgado. A esta conclusão conduzem a dimensão dos tanques, a presença, em quantidade, de tipos anfóricos normalmente associados ao transporte deste produto e finalmente a frequente identificação de camadas de restos de salga (espinhas, escamas vértebras, etc) a revestir o fundo dos tanques escavados. No entanto os dados de que dispomos, permitem-nos também concluir que aqui se produziam molhos: garum, liquem, muria, etc. A esta produção se destinariam os tanques mais pequenos. Por outro lado, foi exumado do tanque 12 um vasto e em bom estado de conservação conjunto de cerâmica comum de várias formas e dimensões, frequentemente com marcas de fogo, material este utilizado na confecção dos molhos³. Contudo, não foram ainda identificadas nesta estação

¹ AMARO et ali, no prelo.

² MANTAS, 1990.

³ PONSICH, 1988.

quaisquer estruturas de aquecimento (fornalhas, hipocausto, etc), de que as unidades de produção de molhos normalmente são dotadas.

A generalidade das estruturas identificadas encontram-se revestidas com *opus signinum* sem fragmentos cerâmicos, composto por brita calcária, cal e areia, de coloração muito clara. Aparentam ser estruturas implantadas no subsolo arenoso, em que o topo dos tanques e os lances de pátio ficariam sensivelmente ao nível da superfície. Daí que as diferentes fábricas e/ou tanques identificados em Lisboa tenham cotas mais baixas, quanto maior era a sua proximidade do esteiro e do rio, organizando-se os conjuntos numa espécie de socalcos que vencem o desnível. A zona hoje ocupada pela Baixa Pombalina e que tem um aspecto sensivelmente plano, teria em época romana o aspecto de uma encosta em direcção à praia e as cotas das estruturas podem ilustrar-nos o “corte” da cidade na sua zona baixa.

Podemos agora, após uma observação mais atenta da estratigrafia, confirmar que as fábricas aqui apresentadas eram fábricas cobertas com telhado. Todos os tanques escavados tem, a selar o momento de abandono, camadas de derrube de telhado com tegulas e ímbrices. No entanto, e apesar de terem sido identificados alguns muros exteriores (ou de limite) da fábrica, não se encontrou (pelo menos claramente) nenhum pilar de suspensão do telhado (o que acontece em fábricas estruturalmente mais bem conservadas).

A necessidade de água doce, indispensável em todas as unidades fabris deste género, era aqui colmatada por um poço, não se tendo reconhecido para já algum tipo de estrutura de armazenamento de água. Os paralelos conhecidos noutras fábricas são cisternas, tanques e reservatórios.

Quanto ao período de laboração destas unidades, impõe-se uma abordagem de conjunto com outras unidades fabris e com as olarias produtoras de ânforas para transporte de salga e molhos de peixe. Os dados disponíveis até ao momento para os estuários do Tejo e Sado são relativamente lineares e permitem uma abordagem necessariamente esquemática, não absolutizante em termos cronológicos. Assim, em linhas muito gerais, existem dois grandes períodos de laboração nas duas indústrias: do séc. I ao final do séc. II e do séc. III ao início do V. Algures no séc. III, uma crise mais geral na economia do império motiva um generalizado momento de declínio na produção anfórica e na produção de conservas de peixe e uma alteração dos tipos anfóricos produzidos. Olarias e unidades de conserva cessam actividades em definitivo (por exemplo, o fornos da Garrocheira — no Tejo —, Barrosinha, Alcácer do Sal, Batalha, Morgada — no Sado — e algumas unidades de salga em Setúbal). No entanto, as mais vitais e produtivas destas indústrias ultrapassam a crise e entram num novo período de laboração e florescimento entre o séc III e finais do séc IV (será o caso de Tróia, e algumas unidades de Lisboa e Setúbal; nas olarias do Tejo, a Quinta do Rouxinol e Porto dos Cacos; no Sado, Quinta da Alegria, Herdade do Pinheiro, Abúl

e Enchurrasqueira). Nas fábricas de salga verificam-se alargamentos e remodelações, eventualmente motivados por novos procedimentos produtivos e novos produtos; nas olarias surgem novos fornos e diferentes tipos anfóricos. Um segundo momento de crise, desta vez definitivo e ligado a factores não só económico-sociais, mas também políticos, leva ao abandono destas actividades em meados do séc. V. Não queremos com este esquema significar qualquer alteração de estrutura nas fábricas e olarias, estivessem obrigatoriamente relacionadas com eventos de natureza económica. Existem outros factores a ter em conta, como sejam alterações nos gostos e hábitos de consumo, alterações da funcionalidade dos espaços internos dentro de cada unidade fabril, alterações nas dimensões das fábricas, reconstruções e arranjos cíclicos, etc. Relacionada com estas alterações surge a substituição, bem documentada, da ânfora tipo Dressel 14, pelas ânforas Almagro 50 e Almagro 51c, no transporte de salga de peixe.

Olisipo, como grande zona produtora e exportadora de conserva de peixe e molhos laborou, decerto, durante todo o período do séc. I ao V. No entanto, aparenta-se seguro, que por volta do séc. III, algumas unidades tenham sido abandonadas provisoriamente ou em definitivo, não sendo de excluir que algumas destas unidades não tenham de todo deixado de laborar, verificando-se apenas uma diminuição do volume de produção. Após este momento de recessão, fábricas terão sido reactivadas com alterações e talvez até, algumas construídas de raiz.

Como é que o conjunto fabril escavado na Rua Augusta se integra neste contexto?

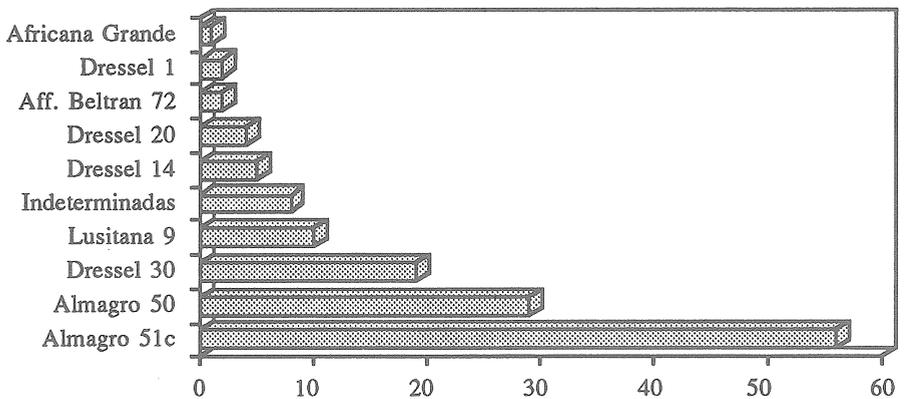
Quanto ao momento de construção e de início de laboração, continua ainda em aberto. Uma melhor definição da cronologia e extensão na camada romana anterior às indústrias será um elemento decisivo. Provisoriamente, essa camada pareceu-nos integrar elementos de um horizonte cronológico entre o séc. I a.C. e o séc. I d.C., o que apontaria, a confirmar-se para a construção das fábricas se situar algures entre o séc. I e II d.C., o que, aliás, fazia sentido no quadro geral, já delineado.

O momento de abandono pode ser determinado pela análise da estratigrafia de enchimento dos tanques. Os tanques que foram objecto de escavação, durante a 1ª campanha, foram: t. 2, t. 8, t. 12, t. 13, t. 16 e t. 17. Pela análise do material estritamente anfórico foi possível estabelecer cronologias para o abandono dos tanques 8, 12 e 17. Quanto aos restantes será eventualmente possível recolher alguns dados a partir de fragmentos de sigilatas, paredes finas e lucernas aí recolhidos, quando estes forem alvo de um estudo aprofundado, uma vez que se tratam de fragmentos muito pequenos. Até ao momento não é possível avançar-se neste campo. No entanto, para os três tanques referidos e de forma a confirmar e dar mais solidez aos dados recolhidos a partir do material anfórico, foram observados os materiais a este associados.

Pode-se verificar a presença de duas situações diversas. Os tanques 12 e 8 foram claramente abandonados no início do séc. V. O tanque 17 parece ter sido desactivado no início do séc. III. Esta conclusão parece algo bizarra devido à proximidade dos três tanques e às suas semelhanças aparentes (numa primeira análise meramente baseada nas estruturas estes tanques foram incluídos na mesma unidade fabril⁴). No entanto, a explicação possível será a de que este tanque teria sido desactivado no período de recessão da indústria conserveira, não tendo sido recuperado no período seguinte de grande laboração da mesma.

MATERIAL ANFÓRICO

Apresentam-se aqui todas as ânforas ou fragmentos anfóricos passíveis de classificação tipológica com segurança, ou seja, exemplares que integrem bocas ou fundos.



As peças em estudo não serão aqui apresentadas em forma de catálogo convencional, optando-se por uma descrição mais esquemática em quadro, que julgamos conter todos os elementos necessários à caracterização das mesmas, com o devido grau de pormenor. São apresentados quatro quadros: tanque 12, camada 20; tanque 12, restantes camadas; tanque 17; restante área. Foram as características qualitativas e quantitativas das próprias peças que definiram a configuração destes conjuntos. Foram definidos grupos de fabrico, com base na análise macroscópica das pastas (textura, côr, elementos, etc). A maioria dos exemplares foram desenhados (desenhos de Armando Sabrosa), não figurando nas pranchas

⁴ AMARO et ali, no prelo.

apenas os fragmentos pequenos e/ou repetitivos. Quanto aos exemplares duvidosos ou excepcionais são descritos individualmente, no âmbito dos contextos em que foram encontrados, embora figurem, de igual modo, no quadro descritivo. Os atributos das peças são descritos com base num código previamente estabelecido e que contempla todas as variações do conjunto. Os atributos mesuráveis apresentam-se em milímetros. Utilizou-se a tabela de cores Munsell, aparecendo no quadro apenas os códigos (a presença de um asterisco antes do código indica que este se refere a um engobe).

Tanque 12 (Camada 20)

Para a análise dos fragmentos anfóricos do tanque 12, optou-se pela individualização da camada 20, por esta se encontrar bem selada com uma espessa camada de argila, oferecendo-nos um vasto conjunto cerâmico, constituído por objectos utilizados nas diversas fases de preparação do pescado.

Em termos estatísticos a camada 20 representa 41% do universo anfórico estudado, assim como forneceu os exemplares mais completos. O peso quantitativo, desta camada, é tal que enforma todo o conjunto. Devemos pois ter cuidado, pois tratam-se de condições de deposição excepcionais que, eventualmente, poderão ter significados a nível de análise diferentes, dos restantes contextos estratigráficos.

Foram identificados 5 tipos de ânforas diferentes:

Almagro 51c (fig. 1 a 32)

A forma Almagro 51c predomina neste contexto e caracteriza-se em termos gerais, por apresentar um lábio de secção triangular, colo cónico, curto e estreito, as asas são em fita e quase sempre de secção sub-rectangular, arrancando da metade inferior do lábio, colando logo abaixo da base do colo, apresenta ombros descaídos, o bojo é fusiforme terminando num pé pequeno e cilíndrico pouco diferenciado do bojo.

Almagro 50 (fig.33 a 38)

A classificação deste tipo anfórico, levantou (e levanta) sérias dúvidas quanto ao seu enquadramento tipológico, dentro da forma Almagro 50. O seu aspecto formal caracteriza-se pelo bojo cilíndrico com um diâmetro relativamente pequeno, lábio de secção sub-triangular, colo inexistente ou quando presente, cilíndrico e curto, as asas de secção ovóide arrancam do bordo fazendo corpo com este. O fundo é constituído por um pé diferenciado, cónico e oco de base plana.

Exemplares anfóricos semelhantes, foram identificados no interior do forno 2 da olaria do Porto dos Cacos assim como na necrópole adjacente a esta.

Lusitana 9 (fig. 39 e 42)

Esta forma apresentada pela primeira vez em Conímbriga, por Dias Diogo, foi posteriormente identificada nas olarias do Porto dos Cacos e Qt^a do Rouxinol, onde se observou a existência de duas variantes do mesmo tipo. A primeira, a Lusitana 9 de Dias Diogo, apresenta um bojo barrilóide, enquanto a segunda, apresenta um bojo fusiforme.

Os exemplares recolhidos nesta estação, enquadram-se no segundo tipo, apresentando um bordo indiferenciado de lábio arredondado, colo inexistente, asas de fita de secção sub-rectangular arrancando do bordo, fazendo corpo com este, os ombros são descaídos, o bojo piriforme termina numa base em anel.

Aff. Beltran 72 (fig. 40)

As duvidas que surgiram quanto à classificação da Almagro 50, aumentam quanto ao enquadramento tipológico do exemplar da fig. 40. Provavelmente estamos em presença de mais uma variante da forma Beltran 72, ânfora ainda pouco estudada que agrupa no seu seio um lote diversificado de exemplares mais ou menos heterogéneos entre si. Formalmente, esta ânfora de reduzidas dimensões caracteriza-se pelo bordo indiferenciado de lábio arredondado com espessamento, ausência de colo, asas de secção sub-triangular arrancando do bordo, o bojo cónico alargando no sentido do fundo. Quanto à pasta ela tem uma tonalidade ocre, com o núcleo mais escuro, branda e porosa, com elementos não plásticos de pequena e média dimensão entre os quais se incluem os quartzos rolados, as micas brancas, os feldspatos e em menor número, as partículas de cerâmica moída e os elementos vegetais.

Dressel 1 (fig. 41)

Desenquadrada cronologicamente do contexto, surge um fundo cónico e maciço que atribuímos a um bico fundeiro de uma ânfora republicana da forma Dressel 1. Quanto à pasta ela tem uma pasta dura e compacta, muito depurada e com elementos não plásticos de muito pequena dimensão (quartzos rolados e feldspatos). Superfície interna alisada e externa rugosa.

Cronologicamente todo o conjunto parece-nos homogéneo se excluirmos o exemplar da fig. 41.

Se se atender ao facto de nesta camada ter surgido duas taças quase completas de Sigillata Clara D, das formas Hayes 53b (370-430) e Hayes 73 (420-475), e dois exemplares recolhidos no forno 2 do Porto dos Cacos se encontrarem inseridos num contexto de finais do século IV/início do século V, poder-se-á enquadrar o conjunto anfórico da camada 20 do Tanque 12, no início do século V.

Tanque 12

Os dados recolhidos nas camadas que sobrepoem a 20, vêm confirmar os dados obtidos nesta última.

As ânforas do forma Almagro 50 (fig. 47), mantêm as características descritas anteriormente, assim como as proporções entre tipos, destacando-se novamente a Almagro 51c (fig. 48 e 49).

Observa-se neste conjunto a ausência da forma *affim* à Beltran 72, e a identificação de um bordo da forma Dressel 14 (não ilustrado), foi exumado igualmente um bordo de ânfora republicana da forma Dressel 1 (pasta dura, e compacta com partículas de calcário de grande dimensão, quartzos muito rolados de pequena dimensão, juntamente com feldspatos de dimensão idêntica; superfície interna alisada e externa engobada) (fig. 48).

Nos fragmentos indeterminados (fig. 45 e 51), surgem dois fundos cônicos, que nos parecem pertencer a exemplares anfóricos produzidos na Bética.

O fragmento da figura 44, incluído nas peças indeterminadas, poderá pertencer a uma ânfora da forma Haltern 70.

A recolha de uma taça de Sigillata Clara D, Hayes 91 B (1ª metade do século V), vem aferir a cronologia apontada para o conjunto cerâmico da camada 20.

Tanque 17

As características do espólio recolhido nas camadas de enchimento do tanque 17, diferem em termos de quantidade e qualidade das observadas no tanque 12.

Neste contexto, o espólio surge muito fragmentado, sem probabilidades de reconstituir por completo ou parcialmente formas anfóricas. Foi no entanto possível, identificar 5 tipos diferentes, onde predominam as formas Dressel 30 e Almagro 50, esta última em menor quantidade.

Dressel 30 (fig. 60 a 63)

A forma Dressel 30 só se encontra representada, nos entulhos de enchimento do tanque 17, caracterizando-se este tipo pelo lábio em fita de secção sub-triangular, por vezes apresentando um ou mais sulcos no exterior (fig.60), colo curto e cónico, asas em geral de secção sub-rectangular, arrancando imediatamente abaixo do lábio, o bojo piriforme terminado numa base em anel (fig.62,63).

Almagro 50 (fig. 54, 55 e 65)

Com presença igualmente significativa, encontramos a Almagro 50. Ao contrário do que sucede no tanque 12 estes exemplares apresentam as caracterís-

ticas típicas desta forma: o lábio de secção triangular, espesso, a ausência de colo, asas de secção ovóide arrancando do bordo e fazendo corpo com este, bojo largo em forma de saco, terminando num pé cónico, diferenciado de forma ogival.

Os restantes tipos anfóricos identificados não têm grande expressão no contexto, no entanto ficam as referências: Dressel 14 (Fig.57 e 58), Dressel 20 (fig.58), e Almagro 51c, esta última com algumas reservas.

Neste conjunto foram identificados dois exemplares que não se inbtegraram em nenhum grupo de fabrico e por isso os descrevemos individualmente. A ânfora nº 753, fig. 57 tem uma pasta aproximada ao fabrico 4, embora pareça ser uma versão melhorada do mesmo. Tem tonalidade castanha escura, é dura de textura arenosa e depurada. Os elementos não plásticos são de muito pequena dimensão e incluem sobretudo os quartzos hialinos rolados, palhetas de mica branca, alguns feldspatos e, mais raramente, partículas calcárias e cerâmica moída.

A ânfora nº 902, não ilustrada, tem uma pasta muito dura, pouco depurada com abundantes elementos não plásticos de grande e média dimensão onde se destacam os quartzos rolados, as partículas calcárias, os feldspatos negros e as escassas partículas de cerâmica moída. Superfícies alisadas.

Cronologicamente este conjunto enquadra-se no início do século III, cronologia esta que é baseada não só nos tipos anfóricos estudados mas também, na presença de grande quantidade de Sigillata Clara A (Formas: Hayes 6; Lamboglia 19; Hayes 14; Hayes 23A; Hayes 16; Hayes 9).

RESTANTE ÁREA

Os restantes fragmentos anfóricos foram todos agrupados num mesmo quadro, já que o seu peso “documental” é quase nulo se exceptuarmos o espólio do tanque 8 de onde foi exumado, num contexto de claro derrube do telhado da fábrica um exemplar anfórico da forma Aff. à Beltran 72 (fig.69), associado a um prato de Sigillata Clara D, Hayes 61B (325-400/420). Estes dados permitem aproximar o momento de abandono deste tanque com o tanque 12.

CONCLUSÃO

Por fim podemos especular um pouco acerca do local de proveniência do vasilhame anfórico. Assim, estamos em crer que as olarias da Quinta do Rouxinol e Porto dos Cacos (principalmente esta última) detinham quase a exclusividade do abastecimento de contentores cerâmicos à importante industria conserveira de Olisipo.

Numa análise muito superficial, é possível encontrar paralelos formais entre os nossos exemplares e os exemplares exumados nas duas olarias situadas na margem esquerda do Tejo, com excepção feita a algumas formas anfóricas provenientes da Península Itálica — Dressel I —, da província romana da Bética — Dressel 20, Almagro 50 (alguns exemplares do Tanque 17) — e do norte de Africa — Africana Grande — (quase todas usadas no transporte de produtos não relacionados com a industria conserveira).

Quanto à análise das pastas por nós efectuada (com a colaboração de Maria José Sequeira), foram identificados 5 fabricos. Nos melhor representados — 1, 2A e 2B — encontramos exemplares anfóricos produzidos durante as duas fases que foram caracterizadas, o que em princípio significará, que provêm de um local próximo e com papel relevante no abastecimento à industria conserveira.

No que diz respeito ao fabrico 3, ele caracteriza os exemplares provenientes da Bética.

Finalmente, os fabricos 4 e 5, têm uma dispersão tipológica-cronológica semelhante aos fabricos 1 e 2, com a particularidade de se encontrarem escassamente representados. Provirão eventualmente de um local mais longinquo sem preponderância no fornecimento anfórico a Olisipo.

Aguardamos a execução de análises laboratoriais (caracterização química por activação de neutrões térmicos das pastas a fim de as comparar com as já existentes para o Porto dos Cacos e Quinta do Roxinol.

Finalmente, gostaríamos de referir que a maioria dos tanques tem um entulhamento bastante pobre, no que diz respeito a camadas de abandono bem caracterizadas e selados com derrube de telhado, à excepção do Tanque 12 em que este momento está documentado ricamente. Esta situação pode provocar alguma perturbação na análise dos dados, pois apenas um dos contextos representa quase metade do universo estudado. Não podemos pois, esquecer o carácter excepcional desta camada 20 do tanque 12, que merece uma atenção especial, bem como a sua integração no conjunto da estação.

NOTA FINAL

Como já referimos, no início deste trabalho, a área arqueológica denominada BCP/Lx, foi alvo de uma segunda campanha arqueológica no início do ano de 1994. Actualmente e até o Verão de 1995, estão previstas intervenções arqueológicas constantes que avançarão paralelamente ao decurso da obra nos edifícios dentro dos quais se escavou e que vão ser transformados na nova sede do Banco Comercial Português, em Lisboa. Como se depreende pela observação da planta que agora publicamos, muitas áreas não tinham ainda sido escavadas devido às

condicionantes estruturais dos edifícios: caixas de escadas, paredes e divisórias várias, esgotos ainda activos etc. Neste momento, todas essas áreas vão sendo progressivamente libertadas para a intervenção arqueológica, uma vez que do projecto consta a demolição total de interiores. Destes trabalhos, esperamos, resultarão novos dados que ajudarão a compôr a imagem desta janela sobre a área industrial romana.

Na sequência da escavação integral da área, realizar-se-á um projecto de Musealização que contemplará especialmente os contextos romanos, mas que não olvidará totalmente a perspectiva diacrónica da estação, expondo e divulgando as numerosas estruturas e contextos das variadas épocas que marcam presença neste sítio arqueológico. Paralelamente à concretização deste projecto espera-se poder apresentar uma publicação que reúna todos os estudos já efectuados sobre a estação, publicados ou inéditos, num primeiro esforço para a Monografia final da estação. Espera-se também que o surgimento deste núcleo museológico desempenhe funções um pouco para lá do que um simples local de visita à arqueologia da cidade.

Das novas intervenções arqueológicas neste espaço, resultarão sem dúvida novos elementos anfóricos que completarão este estudo, a seu tempo. Por outro lado, também todos os outros materiais romanos, que não os anfóricos, deverão merecer um estudo igualmente sistemático, a fim de que da soma das partes possa resultar um todo que se espera venha a ser revelador para o conhecimento de Olisipo.

Apesar do estágio de estudo intermédio em que a estação se encontra, já podemos afirmar (cruzando estas informações, com os conhecimentos de outras estações antigas ou recentemente escavadas, na cidade e no estuário), neste momento, que contribuiu para alterar um pouco a imagem que os estudiosos faziam do papel desempenhado por Olisipo, na produção de produtos piscícolas. Hoje, o estuário do Tejo apresenta-se com um papel, pelo menos equivalente, ao do Sado, que até há pouco julgava-se ter larga primazia no sector.

Quanto a dados de carácter cronológico, pode-se afirmar hoje, com uma boa margem de segurança que a produção de Olisipo se aproxima das já conhecidas para o resto das zonas da costa atlântica: as fábricas terão laborado entre o sec. I e V da nossa era, passando por diversas fases de crescimento e crise. Têm sido aventadas hipóteses de existirem indícios de produção de produtos piscícolas em período de influência púnica, com base na presença de estratos de ocupação desta época, nesta mesma estação arqueológica⁵. No entanto, o que as evidências arqueológicas nos dizem é que uma e outra realidade não têm nenhum ponto de contacto, tendo aliás, entre elas um lapso cronológico considerável (e, como se referiu, uma

⁵ AMARO, 1994 e MATOS, 1994.

outra ocupação diferente). Não excluindo a possibilidade teórica de que esses vestígios venham um dia, a surgir, podemos afirmar que neste local eles não se verificam, à semelhança do que foi observado em muitas estações do mesmo tipo da costa espanhola e do Norte de Africa.

Neste momento, um interessante e decerto frutuoso caminho está ainda por iniciar. É o da reconstituição dos circuitos que esta actividade envolvia. Estabelecer, com segurança, através da comparação directa de materiais, a relação entre os locais de produção anfórica e as fábricas que estes abasteciam. Em segundo lugar, quais os locais para onde se destinavam as produções de salga e molhos de Olisipo, quer a nível regional, quer a nível imperial, pois parece bastante claro que uma área industrial com esta amplitude, destinar-se-ia a mercados de âmbito largo. À prossecução destes objectivos tão desejáveis, obstam a falha na publicação de alguns trabalhos arqueológicos que têm sido executados, assim como de um ambiente onde os diversos investigadores que trabalham nesta área pudessem trocar e confrontar os dados recolhidos, como poderia ser um projecto de investigação sobre a industria de produtos piscícolas e actividades envolventes, para o estuário do Tejo.

Finalmente, os agradecimentos: ao BCP, que como entidade privada tem demonstrado um sentido do património para além da simples entidade patrocinadora das campanhas; à equipa de arqueologia que ao longo das diversas fases, trabalhou no BCP, com destaque para José Luis Monteiro, Ana Paula Nunes, Ângela Carneiro, Natalina Guerreiro; aos restantes elementos que como colaboradores, pouco assumidos, do IPPAR, trabalham na arqueologia de Lisboa, sendo os seus verdadeiros protagonistas e que deram sempre à equipa o maior apoio e ajuda; à equipa de restauro, Antónia Tinturé e Moisés Lurdito; a Maria José Sequeira, que estabeleceu e caracterizou os grupos de fabrico das ânforas apresentadas; a Guilherme Cardoso pelos conselhos que tão solícitamente nos cedeu. Finalmente, a todos os colegas, arqueólogos que nos têm visitado e brindado com as suas opiniões.

Lisboa, Dezembro de 1994.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de, 1988, *Roman Portugal* Inventário, fasc. 2: Coimbra e Lisboa, Aris e Phillips, LTD, Warminster.
- AMARO, Clementino, BUGALHÃO Jacinta e SABROSA, Armando, Complexo Fabril Romano na Rua Augusta, Notícia Preliminar, in *Actas das I Jornadas de Romanização dos Vales do Tejo e Sado, Seixal, 1991* (no prelo).
- AMARO, Clementino, 1994, A Industria Conserveira na Lisboa Romana, in *Lisboa Subterrânea*, MNA, Lisboa

- BELTRÁN LLORIS, M., *Ceramica Romana, Tipologia y Clasificacion*, Libros Pórtico, Zaragoza.
- CARDOSO, Guilherme, 1986. "Fornos de ânforas romanos, na bacia do Sado: Pinheiro, Abul e Bugio", in *Conimbriga*, XXV, pp. 153-173, Universidade de Coimbra.
- Idem, 1978, "Ânforas romanas no Museu do Mar (Cascais)", Separata de *Conimbriga*, Vol XVII, p. 63-78.
- COELHO-SOARES, Antónia, SILVA, Carlos Tavares da, "Ânforas Romanas na Área Urbana de Setúbal", in *Setúbal Arqueológica*, vol. IV, 1978, pp. 171-190.
- Idem, "Ânforas Romanas da Quinta da Alegria (Setúbal)", in *Setúbal Arqueológica*, V, 1979, p. 205-216.
- DELGADO, M., MAYET, F., ALARCÃO, A. M., *Fouilles de Conimbriga IV - Les Sigillés*, Paris 1975.
- DIOGO, A. M. Dias, "Ânforas provenientes do meio fluvial nas imediações de Vila Franca de Xira e de Alcácer do Sal", in *O Arqueólogo Português*, série IV, 6/7, 1988/1989, p. 227-240.
- Idem, "Fornos de Ânforas de Alcácer do Sal", in *Conimbriga*, Vol XXVI, 1987, Universidade de Coimbra, p. 77-111.
- Idem, "Fornos de Ânforas do Monte da Enchurrasqueira e do Vale da Cepa. Notícia Preliminar" in *Conimbriga*, vol. XXII, 1983, Universidade de Coimbra.
- Idem, A. M. Dias, "Quadro Tipológico das Ânforas de Fabrico Lusitano", in *O Arqueólogo Português*, Série IV, 5, 1987, pp. 179-191.
- DIOGO, A. M. Dias, FARIA, João C., "Fornos de cerâmica romana no vale do Sado. Alguns elementos", in *Ânforas Lusitanas, Tipologia, Produção e Comércio*, 1990 (Actas das Jornadas de Estudo de Conimbriga, 1988), Museu Monográfico de Conimbriga/Diffusion de Bocard.
- Idem, "Trabalho e Produção no Sado durante a época romana", in *Movimento Cultural*, Ano IV, nº 6, Setembro, 1989, pp. 81-92.
- DUARTE, Ana Luisa C., "Quinta do Rouxinol. A produção de ânforas na Vale do Tejo", in *Ânforas Lusitanas, Tipologia, Produção e Comércio*, 1990 (Actas das Jornadas de Estudo de Conimbriga, 1988), Museu Monográfico de Conimbriga/Diffusion de Bocard.
- EDMONSON, J.C., *Two Industries in Roman Lusitania: mining and garum production*, Oxford, B.A.R., 1987.
- Enciclopedia dell Arte Antica*, AAVV, Instituto della Enciclopedia Italiana, Roma, 1981.
- ETIENNE, R., MAKAROUN, Y., MAYET, F., 1994, *Un Grand Complexe Industriel a Troia, Portugal*, Diffision E. de Bocard, Paris.
- FABIÃO, Carlos, CARVALHO, A., "Ânforas da Lusitânia: uma perspectiva", in *Ânforas Lusitanas, Tipologia, Produção e Comércio*, 1990 (Actas das Jornadas de Estudo de Conimbriga, 1988), Museu Monográfico de Conimbriga/Diffusion de Bocard.
- Idem, "O estudo das ânforas", in *A Arqueologia em Portugal, anos 90*, V. S. Gonçalves (dir), (no prelo).
- FABIÃO, Carlos, *Sobre as ânforas do Acampamento Romano da Lomba do Canho (Arganil)*, Lisboa, Unidade de Arqueologia da Universidade de Lisboa, 1989, Cader-nos UNIARQ,1.
- FABIÃO, Carlos, 1992, "O Passado Proto-Histórico e Romano", in *História de Portugal*, dir. José Mattoso, Vol. I, P. 266, Lisboa, Círculo de Leitores.
- GUASH, R. P. I., "Les Amfores, de la necropolis paleocristiana de Terragona", in *Boletín*

- HAYES, J.W., *Late Roman Pottery*, Londres, 1972.
- MANTAS, Vasco Gil, 1990, As cidades marítimas da Lusitânia, in *Les Villes de Lusitanie Romaine*, CNRS, Paris.
- MATOS, José Luís, 1994, Romanização de Lisboa. Trabalhos arqueológicos na Sé de Lisboa, in *V Jornadas Arqueológicas*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, p. 223.
- MAYET, F., “Typologie e Chronologie des amphores lusitaniennes”, in *Ânforas Lusitanas, Tipologia, Produção e Comércio*, 1990 (Actas das Jornadas de Estudo de Conimbriga, 1988), Museu Monográfico de Conimbriga/Diffusion de Bocard.
- PEACOCK, D.P.S., WILLIAMS, D.F., *Amphorae and the Roman Economy*, London & New York, Longman, 1986.
- PEACOCK, D. P. S., WILLIAMS, D. F., *Amphorae and the Roman Economy: an introductory guide*, Londres, Ed. Longman, 1986
- PONSICH, Michel, *Aceite de Oliva y Salazones de Pescado*, Madrid, Universidad Complutense, 1988.
- RAPOSO, Jorge Manuel Cordeiro, “Porto dos Cacos: uma oficina de produção de ânforas romanas no Vale do Tejo”, in *Ânforas Lusitanas, Tipologia, Produção e Comércio*, 1990 (Actas das Jornadas de Estudo de Conimbriga, 1988), Museu Monográfico de Conimbriga/Diffusion de Bocard.
- RAPOSO, J. M. Cordeiro, DUARTE, A. L. Castanheira, “Anforas Lusitanas: los alfares del Tajo”, in *Revista de Arqueologia*, Ano XII, nº134, Junho, 1992.
- SCIALLANO, Martine, SIBELLA, Patricia, *Amphores, Coment les Identifier*, Edisud, 1991.
- SILVA, Carlos Tavares da, COELHO-SOARES, Antónia, “A Praça do Bocage (Setúbal) na Época romana. Escavações arqueológicas de 1980”, in *Setúbal Arqueológica*, VI-VII, 1980-81, pp. 249-278.
- SILVA, Carlos Tavares da, SOARES, Joaquina, *Arqueologia da Arrábida*, Lisboa, Serviço Nacional de Parques, Reservas e Conservação da Natureza, 1986.
- SILVA, Carlos Tavares da, COELHO-SOARES, Antónia, “Escavações Arqueológicas no Creiro (Arrábida) Campanha de 1987”, in *Setúbal Arqueológica*, VIII, 1987, pp. 221-237.
- SILVA, Carlos Tavares da, SOARES, António Coelho, SOARES, Joaquina, “Fábrica de Salga da Época Romana da Travessa do Frei Gaspar (Setúbal)” in *I Encontro Nacional da Arqueologia Urbana*, Trabalhos de Arqueologia, 3, Setúbal, 1985.
- SILVA, C. Tavares, SOARES, Joaquina, 1993, *Ilha do Pessegueiro, Porto Romano na Costa Alentejana*, Instituto de Conservação da Natureza, Lisboa.
- SOARES, Joaquina, *Estação Romana de Troia*, Câmara Municipal de Grândola, Setúbal, 1980.

APÊNDICE

DESCRIÇÃO DOS GRUPOS DE FABRICO

Fabrico 1

Pasta de tonalidade acastanhada que em alguns exemplares se aproxima dos ocre. Pasta branda, pouco compacta e pouco depurada, com abundantes elementos não plásticos de pequena e média dimensão, entre os quais se destacam as micas brancas, os quartzos leitosos e hialinos os fedespatos e, em menor quantidade, partículas de cerâmica moída.

As superfícies internas apresentam-se normalmente alisadas enquanto que algumas das superfícies externas dos exemplares identificados nestes fabricos apresentam um engobe pouco aderente e da mesma tonalidade da pasta.

Fabrico 2 A

Pasta de tom alaranjado, dura, muito compacta e com elementos não plásticos de pequenas dimensões, sobretudo palhetas de mica branca. Existem igualmente quartzos rolados e feldespatos. Superfícies alisadas.

Fabrico 2 B

Este fabrico é idêntico ao anterior, na variedade dos elementos não plásticos presentes na argila utilizada para a produção dos exemplares anfóricos. No entanto, estes apresentam uma pasta cujos elementos não plásticos são de maior dimensão e aos quais se junta a presença de partículas de cerâmica moída em quantidades variáveis. Este fabrico apresenta igualmente uma pasta mais porosa e menos depurada que a descrita para o fabrico anterior. Algumas pastas podem apresentar um aspecto tipo *sandwich*. As superfícies internas são alisadas enquanto que as externas são normalmente engobadas com uma tonalidade avermelhada, ou cinzenta escura e, mais raramente, esbranquiçada. Na ausência deste engobe que, quando é avermelhado, se revela pouco aderente as superfícies apresentam um aspecto rugoso.

Fabrico 3

Este fabrico engloba os exemplares cujas pastas se identificam com aquelas conhecidas para as âforas produzidas na Bética. Como tal, optámos por fazer uma descrição muito geral quer da morfologia das pastas quer ao tratamento das superfícies. As pastas são compactas, depuradas e com textura arenosa. As tonalidades oscilam entre o castanho claro rosado e o *beije* acastanhado. Os elementos não plásticos são normalmente de pequena dimensão e incluem as micas brancas, os quartzos leitosos rolados, os feldespatos, partículas calcárias e alguma cerâmica moída. As superfícies apresentam-se quer alisadas, quer engobadas. Neste último caso, o engobe apresenta uma tonalidade idêntica à da pasta.

Fabrico 4

Pasta branda de cor castanha escura, porosa, pouco depurada e com abundantes elementos não

plásticos de dimensão média, entre os quais se incluem sobretudo os quartzos hialinos pouco rolados, alguns quartzos leitosos, partículas calcárias, fedespatos e palhetas de mica branca. A superfície interna é alisada enquanto que a superfície externa é rugosa, excepto quando se apresenta coberta por um engobe pouco aderente e da mesma tonalidade da pasta.

Fabricao 5

Pasta de tonalidade *beije* alaranjado. Alguns exemplares, no entanto podem apresentar uma pasta com aspecto tipo *sandwich*. Pasta dura e compacta com numerosos elementos não plásticos de pequena dimensão entre os quais se destacam sobretudo os quartzos hialinos muito rolados e, em menor número, as partículas calcárias e os feldspatos, todavia, a característica mais marcante desta pasta é a presença de partículas de cerâmica de um tom laranja vivo de pequena e média dimensão. As superfícies internas são alisadas enquanto que as superfícies externas são engobadas e de tom castanho claro.

CÓDIGO DESCRITIVO DOS ATRIBUTOS

Lábios

1 – *Secção triangular* — 1.1 – Triangular vertical interiormente; 1.2 – Triangular arredondado interiormente; 1.3 – Triangular vertical exteriormente; 1.4 – Sub-triangular; 1.5 – Triangular; 1.6 – Triangular espessado exteriormente; 1.7 – Triangular de aresta

2 – *Secção rectangular* — 2.1 – Sub-rectangular pendente

3 – *Secção arredondada* — 3.1 – Arredondado

4 – *Secção simples* — 4.1 – Simples

Colos

1 – Cónicos; 2- Cilíndricos.

Fundos

1 – Pouco diferenciados, cilíndricos e pequenos; 2 – Cilíndricos e pequenos; 3 – Cónicos e ocos; 4 – Cónico, diferenciado de forma ogival; 5 – Cónico e maciço; 6 – Indiferenciado em anel; 7 – Cónico, maciço com ligeiro rebordo e mamilo central.

Asas

1 – Secção sub-rectangular; 2 – Secção ovóide; 3 – Secção sub-triangular; 4 – Secção ovóide em fita.

Bojo

1 – Fusiforme; 2 – Cónico (alargando no sentido do fundo); 3 – Cilíndrico; 4 – Cónico (estreitando no sentido do fundo).

Medidas

DB – Diâmetro do bordo; DC – Diâmetro do colo; BC – Altura do bordo à base do colo; DP – Diâmetro da pança;

DF – Diâmetro do fundo; HF – Altura do fundo; HB – Altura do bordo; AA – Asa a asa.

Est. I

NºInv	Forma	Láb.	Col.	Asa	Bojo	Pa.	DB	Dc	PC	DP	DF	FF	HB	AA	Cor/Ext.	Cor/Int.	Cor/Núcleo	Fabrico.	%g
271	Alm. 51c				1	1					46	22			2,5 YR 5/8	2,5 YR 5/8	2,5 YR 5/8	4	26
272	Dre. 1					5					48	87			5 Y 8/2	5 Y 4/1	2,5 YR 6/8	DESCRITO	41
354	Alm. 50	1.4		2			127						18		5 YR 7/4	10 YR 7/6	5 YR 5/6	1	36
355	Alm. 51c				1					273					5 YR 7/6	5 YR 7/6	5 YR 7/6	5	2
356	Lus. 9	3.1		1	1		118	94		225				211	2,5 YR 4/6	2,5 YR 5/8	5 YR 3/1	2B	39
357	Alm. 51c	1.1	1	1			109	73	103				22	228	2,5 YR 6/6	2,5 YR 6/6	2,5 YR 6/6	1	21
358	Alm. 51c	1.1	1	1	1		104	67	105				21		7,5 YR 6/6	5 YR 6/6	5 YR 6/6	1	31
359	Alm. 51c	1.2	1	1	1		89	58	100				19	196	5 YR 6/4	5 YR 6/4	5 YR 6/4	1	3
360	Alm. 51c	1.1	1	1	1		117	79	125				25		7,5 YR 7/4	7,5 YR 7/4	7,5 YR 7/4	1	15
361	Alm. 50	1.1	2	2			136	105	62				20	201	10 YR 6/3	10 YR 6/3	10 YR 6/3	1	35
362	Alm. 51c	1.1	1	1			100	61	96				20	177	2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2A	4
363	Alm. 51c	1.1	1	1			107	64	98				22		2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2B	20
364	Alm. 51c	1.3	1	1	1		110	69	107				27		5 YR 7/6	5 YR 7/6	5 YR 7/6	1	19
366	Bel. 72			3	2		127								10 YR 7/3	2,5 YR 5/6	2,5 YR 5/6	DESCRITO	40
367	Lus. 9				4	6					66	15			5 YR 6/6	5 YR 6/6	5 YR 6/6	1	42
368	Alm. 51c				1	1					48	30			5 YR 5/4	5 YR 5/4	5 YR 5/4	1	24
369	Alm. 51c					1					39	22			2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2A	25
370	Alm. 51c	1.3	1	1	1		101	73	95	351			30		2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	5A	14
373	Alm. 51c	1.3	1	1			97	61	95				25		2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2B	18
374	Alm. 51c	1.1	1	1	1		99	58	93				19		*2,5 YR 5/2	2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2A	5
375	Alm. 51c	1.2	1	1			92	57	92				19		5 YR 6/4	5 YR 6/4	5 YR 6/4	1	6
376	Alm. 51c	1.2	1				106	70					23		7,5 YR 7/4	7,5 YR 7/4	7,5 YR 7/4	1	16
377	Alm. 51c	1.4	1				99	60					21		7,5 YR 7/2	7,5 YR 7/2	7,5 YR 7/2	1	17
378	Alm. 51c	1.2	1	1			105	62					24		2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2B	8
379	Lus. 9	3.1	1												2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2A	1
382	Indet.					5					27	68			5 YR 5/4	2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2A	43
384	Alm. 51c				1	1					37	27			5 YR 7/6	5 YR 7/6	5 YR 7/6	2A	10
385	Alm. 51c				1	1					45	25			5 YR 6/4	5 YR 6/4	5 YR 6/4	1	29
386	Alm. 51c				1	1					44	17			2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2B	28
387	Alm. 51c				1	1					40	25			2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2B	22
389	Alm. 51c				1	1					38	22			2,5 YR 5/8	2,5 YR 5/8	2,5 YR 6/8	2A	30
390	Alm. 51c				2						44	46			5 YR 6/4	5 YR 6/4	5 YR 6/4	1	27
391	Alm. 51c										34	20			2,5 YR 6/8	5 YR 6/1	2,5 YR 6/8	2A	13
392	Alm. 51c				1	1					31	26			* 2,5 YR 5/2	2,5 YR 5/0	2,5 YR 5/0	2A	12
393	Alm. 50				1	1					30	36			5 YR 7/6	2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	1	38
394	Alm. 51c				1	4					31	28			2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2B	11
395	Alm. 51c	1.5	1			1	104						25		2,5 YR 6/6	2,5 YR 6/6	2,5 YR 6/6	4	37
396	Alm. 50	1.5	2						63				21		5 YR 6/6	5 YR 6/6	5 YR 6/6	1	1
397	Alm. 50	1.2											21		2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2B	
398	Alm. 50	1	2	2									21		2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2B	
399	Alm. 51c	1.2					120						22		5 YR 7/4	5 YR 7/4	5 YR 7/4	1	9
400	Alm. 51c	1.5	1										21		5 YR 7/4	5 YR 7/4	5 YR 7/4	2B	
401	Alm. 51c	1.2	1	1			100	68	79				16		5 YR 8/4	5 YR 7/6	5 YR 7/6	2B	7
402	Lus. 9	1.8	1										5		7,5 YR 7/6	7,5 YR 7/6	7,5 YR 7/6	1	
403	Lus. 9	3.1	1												7,5 YR 6/4	7,5 YR 6/4	7,5 YR 6/4	1	
413	Alm. 51c	1.5	2										24		10 YR 6/4	10 YR 6/4	10 YR 5/1	1	
414	Lus. 9	1.8	1										8		5 YR 7/6	5 YR 7/6	5 YR 7/6	1	
417	Alm. 51c	1.5	2										23		5 YR 6/6	5 YR 6/6	5 YR 6/6	1	
418	Lus. 9	3.1	1												7,5 YR 6/4	7,5 YR 6/4	7,5 YR 6/4	1	
419	Lus. 9	1.8	1												2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/8	2A	
420	Alm. 51c	1.2	1	1	1		100	57	102	271			20	177	2,5 YR 6/8	5 YR 6/3	5 YR 6/3	2B	1
421	Alm. 51c				1	1					37	20			5 YR 7/4	5 YR 7/4	2,5 YR 5/0	2A	32
422	Alm. 50	1.4		2	3		132	106		216			24	219	2,5 YR 5/8	7,5 YR 8/6	10 YR 5/2	2B	33
423	Alm. 51c				1	1					49	24			5 YR 6/4	5 YR 6/4	5 YR 6/4	1	23
2017	Alm. 50				3	3					32	72			* 5 YR 5/1	2,5 YR 6/8	2,5 YR 6/0	2A	34
2018	Alm. 50	1.5		2									20		5 YR 6/4	5 YR 6/4	5 YR 6/4	1	

Quadro 1 – Tanque 12/Camada 20.

NºInv.	Forma	Láb.	Cól.	Asa	Bojo	Pé	DB	DC	EC	DP	DF	HF	HB	AA	Cór/Ext.	Cór/Int.	Cór/Núcleo	Fabrico	Fig.
2010	Alm. 50	1.6		2									19		5 YR 7/4	5 YR 7/4	5 YR 7/4	3	
2011	Lus. 9	3.1		1											5 YR 7/4	5 YR 7/4	5 YR 7/4	1	
2012	Indet.	2.1											40		* 5 Y 8/3	5 YR 7/6	5 YR 7/6	3	44
2013	Alm. 51c	1.5											24		2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2B	
2014	Indet.					5									7.5 YR 8/4	7.5 YR 8/4	7.5 YR 8/4	3	45
537	Alm. 51c					1					28	28			2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2B	52
1199	Alm. 51c	1.2											19		2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2B	
2000	Dre. 14	3.1		4									18		* 2.5 Y 8/2	10 R 6/8	10 R 6/8	2B	
2007	Alm. 51c					1					38	40			* 2.5YR 5/0	2.5 YR 4/2	2.5 YR 4/2	2A	
2008	Alm. 51c	1.1		1									19		2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2B	
2009	Dre. 1	2.1					150						38		* 5 Y 8/2	10 R 6/8	10 R 6/8	DESCRITO	46
1195	Alm. 51c	1.5		1					70				20		2.5 YR 5/6	2.5 YR 5/6	2.5 YR 5/6	2B	
1197	Alm. 51c				4	6					58				7.5 YR 6/4	5 YR 3/3	10 YR 4/2	4	53
102	Alm. 50	1.4	2				135	102	69				22		5 YR 6/6	2.5 YR 5/4	2.5 YR 5/4	1	50
103	Alm. 51c	1.5	1	1			107	70	99				23		5 YR 5/6	5 YR 5/6	5 YR 5/6	4	47
173	Alm. 51c	1.5	1	1			119	65	121				25		5 YR 6/6	5 YR 6/6	7.5 YR 6/0	2B	49
92	Alm. 51c	1.4	1	1			105	68	109	206			27		2.5 YR 6/6	2.5 YR 6/6	2.5 YR 6/6	2A	48
2001	Lus. 9	3.1		1											2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2B	
2002	Indet.					5					34	77			* 2.5 Y 8/2	10 R 6/8	10 R 6/8	2B	51
2004	Alm. 51c	1.5		1									24		5 YR 6/4	5 YR 6/4	5 YR 6/4	1	
2006	Alm. 50	1.5	2						61				19		10 YR 7/4	10 YR 7/4	10 YR 7/4	1	
1188	Alm. 51c	1.2	1	1									19		2.5 YR 6/6	2.5 YR 6/6	2.5 YR 6/6	2B	

Quadro 2 – Tanque 12/Restantes camadas.

Est. III

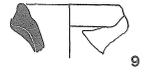
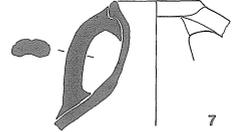
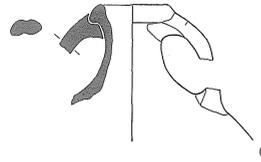
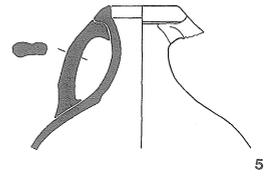
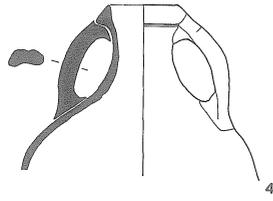
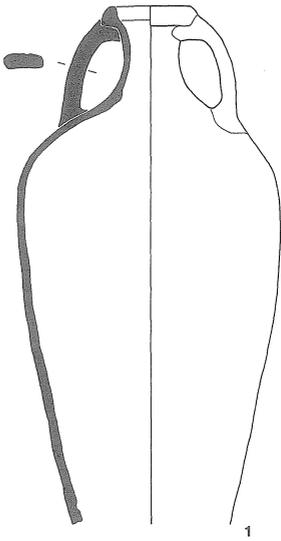
Nº Inv.	Forma	Láb.	Col.	Asa	Bojo	Pa	DB	DC	EC	DP	DF	FF	HB	AA	Cór/Int.	Cór/Ext.	Cór/Núcleo	Fabrics	Fig.
947	Alm. 50	1.6											31		7.5 YR 6/2	7.5 YR 6/2	7.5 YR 6/2		3
948	Alm. 50	1.6											20		5 Y 8/1	5 Y 8/1	5 Y 8/1		3
949	Dre. 30					6						949			*7.5 YR 4/0	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8		2A
950	Alm. 50	1.6													5 YR 6/4	5 YR 6/4	5 YR 6/4		3
951	Alm. 50	1.6											16		7.5 YR 6/4	7.5 YR 6/4	7.5 YR 6/4		3
952	Dre. 30	1.3											31		2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8		2B
953	Dre. 30	1.3											32		2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8		2A
1186	Indet.	3.1	1				123						20		7.5 YR 6/2	7.5 YR 6/2	7.5 YR 6/2		3 59
815	Alm. 50	1.6		2									14		* 2.5 Y 8/2	5 YR 7/4	5 YR 7/4		3
816	Alm. 50	1.7		2									10		2.5 YR 6/6	2.5 YR 6/6	2.5 YR 6/6		2A
803	Dre. 30					6							17		2.5 YR 5/0	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8		2A
804	Alm. 50	1.6		2									11		7.5 YR 7/4	7.5 YR 7/4	7.5 YR 7/4		3
806	Dre. 14					7					44				2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8		2A
807	Dre. 14					7					48				2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8		64
808	Dre. 30	1.3											26		* 2.5 YR 5/0	* 2.5 YR 5/0	2.5 YR 6/6		2A
809	Dre. 30					6							18		* 2.5 YR 5/0	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8		2A
810	Dre. 30					6						14			* 7.5 YR 4/0	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8		2A
811	Alm. 50	1.6					157						15		* 10 YR 8/2	* 10 YR 8/2	2.5 YR 6/8		2B 55
812	Dre. 20	1.7											18		5 YR 7/4	5 YR 7/4	5 YR 7/4		2A
813	Alm. 50	1.6											19		* 10 YR 8/2	2.5 YR 6/6	2.5 YR 6/6		2B
814	Alm. 50	1.6		2			153	107					44		2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8		3 54
1189	Alm. 50	1.6											23		5 YR 6/4	5 YR 6/4	5 YR 6/4		3
1190	Dre. 30	1.3											27		7.5 YR 6/4	7.5 YR 6/4	7.5 YR 6/4		3
1192	Alm. 51c					3							20		2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8		2B 66
1193	Indet.	3.1											21		2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8		3
1194	Dre. 30	1.4											26		2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8		2A
902	Dre. 20	1.7											19		5 YR 6/4	5 YR 6/4	7.5 YR 5/0		DESCRITO
903	Dre. 30	1.3											24		2.5 YR 6/6	2.5 YR 6/6	2.5 YR 6/6		2B
1187	Alm. 50	1.6											15		5 Y 8/1	5 Y 8/1	5 Y 8/1		3
753	Dre. 14	1.6					160						15		2.5 YR 5/4	2.5 YR 5/4	2.5 YR 5/4		DESCRITO 57
755	Dre. 30					6						86	18		* 2.5 Y 5/0	2.5 Y 6/8	2.5 Y 6/8		2B 62
756	Dre. 14	3.1											20		2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8		2A
758	Dre. 30					6						75			2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8		2A
761	Dre. 30					6							19		2.5 YR 6/6	2.5 YR 6/6	2.5 YR 6/6		2A
762	Dre. 30	1.3					111						24		2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8		2A 61
958	Dre. 30					6							11		2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8		2B
960	Dre. 20	1.7					142						25		* 2.5 Y 8/2	* 2.5 Y 8/2	2.5 YR 6/8		3 58
961	Alm. 50	1.6											29		5 YR 7/4	5 YR 7/4	5 YR 7/4		3
817	Dre. 30	1.4	1				116	70					17		5 YR 6/6	5 YR 6/6	5 YR 6/6		2A 56
935	Alm. 50	1.6		2									14		* 2.5 Y 8/2	5 YR 7/4	5 YR 7/4		3
937	Alm. 50			2											5 YR 6/4	5 YR 6/4	5 YR 6/4		3
938	Dre. 30	1.3		1									30		5 YR 6/6	5 YR 6/6	5 YR 6/6		2A
942	Alm. 50					4						40			5 YR 7/6	5 YR 7/6	5 YR 7/6		3 65
943	Dre. 30	1.4					103	64					30		2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8		2A 60
945	Dre. 30					6						72	15		5 YR 7/4	5 YR 7/4	5 YR 7/4		3
959	Dre. 30					6						83	16		* 2.5 YR 5/0	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8		2A 63

Quadro 3 – Tanque 17.

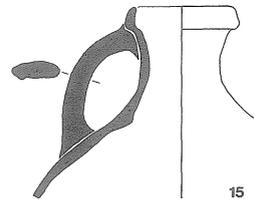
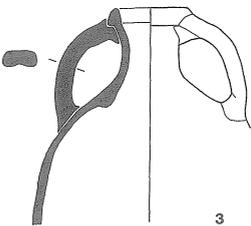
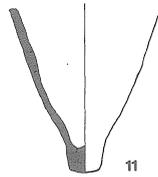
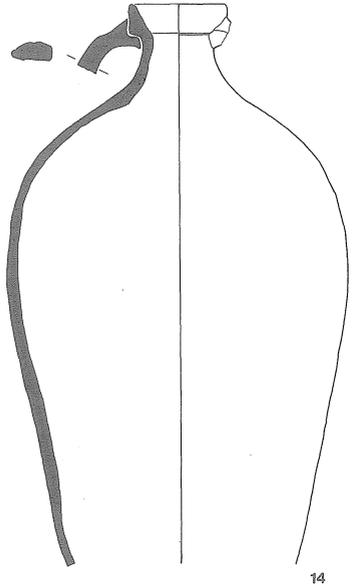
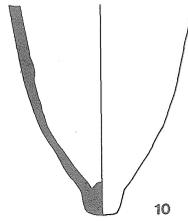
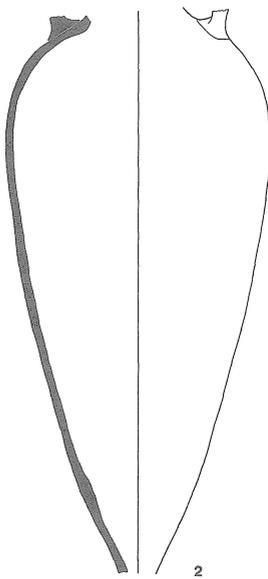
Nºinv.	Forma	Láb.	Col.	Asa	Bojo	Pé	DB	DC	BC	DP	DF	HF	HB	AA	Côr/Int.	Côr/Ext.	Côr/Núcleo	Fabrico	Fig.
227	Alm. 51c					1						32			2.5 YR 6/6	2.5 YR 6/6	2.5 YR 6/6	1	
68	Alm. 51c					1					46				5 YR 5/4	5 YR 5/4	5 YR 5/4	1	
2015	Alm. 51c					5					47				2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2A	67
43	Alm. 51c					3					16	35			7.5 YR 6/4	7.5 YR 6/4	7.5 YR 5/4	1	69
670	Indet.					3					23	36			2.5 Y 8/4	2.5 Y 8/4	2.5 Y 8/4	3	
584	Indet.					5					19				2.5 YR 6/6	2.5 YR 6/6	2.5 YR 6/6	2A	
2016	Dre. 20												12		5 YR 7/3	5 YR 7/3	5 YR 7/3	3	
587	Alm. 51c	1.2		1			104						18		5 YR 7/6	5 YR 7/6	5 YR 7/6	2B	
588	Afr. Gra.					5					47						10 R 6/8	2A	
589	Alm. 50	1.1											19		2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2.5 YR 6/8	2B	68
590	Alm. 51c				1	1					45	18			7.5 YR 5/4	7.5 YR 5/4	7.5 YR 5/4	5	

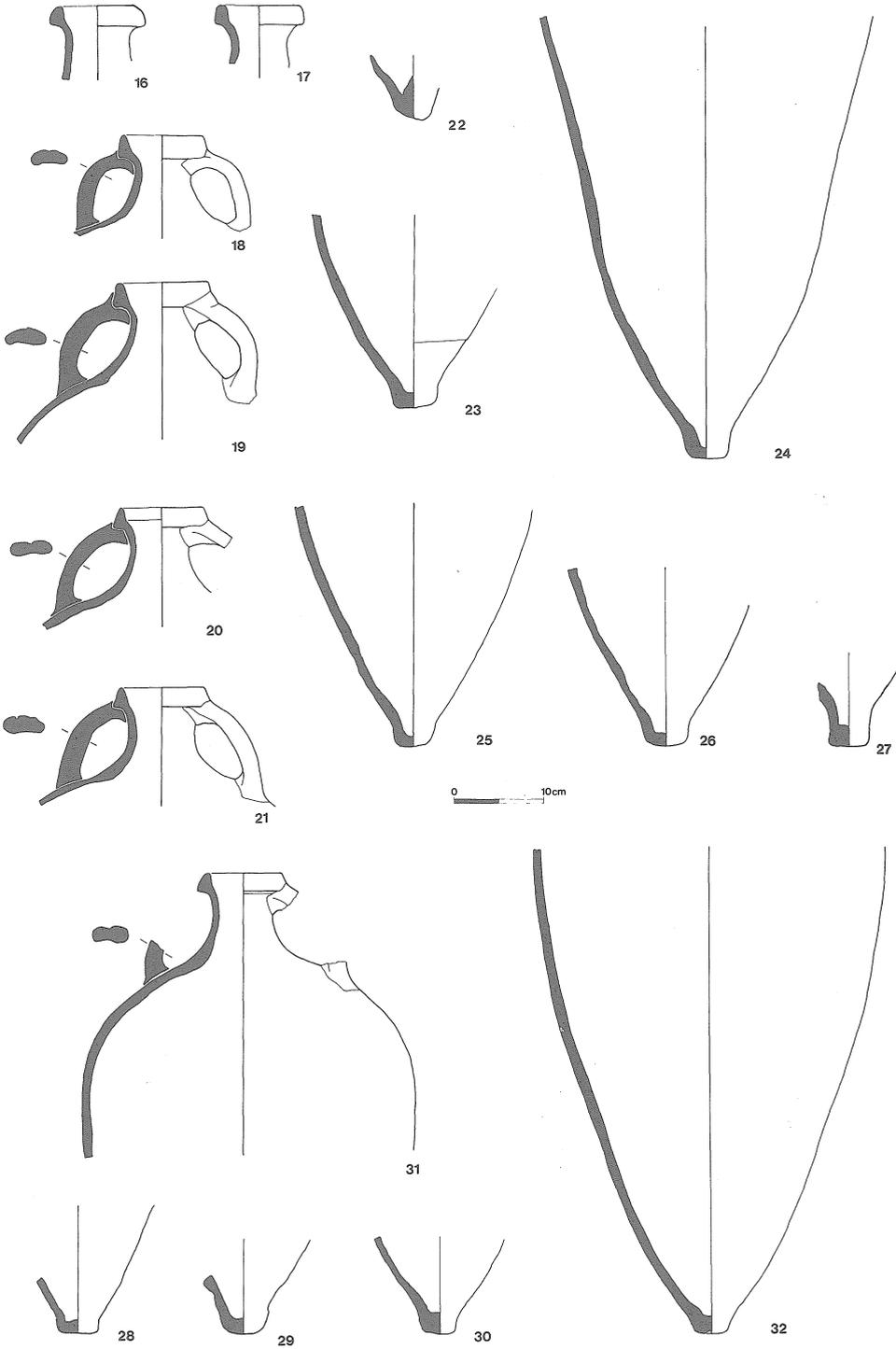
Quadro 4 – Restante área.

Est. V

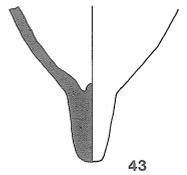
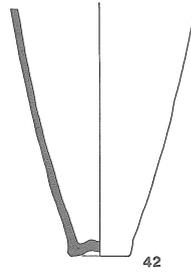
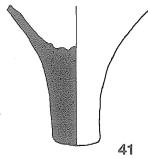
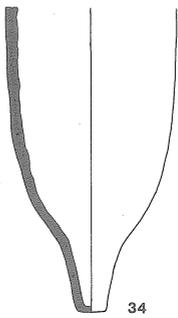
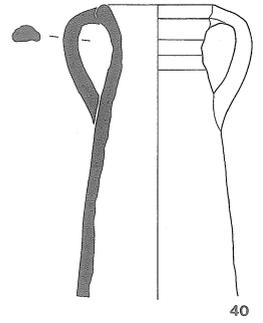
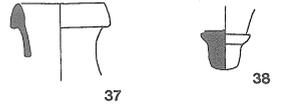
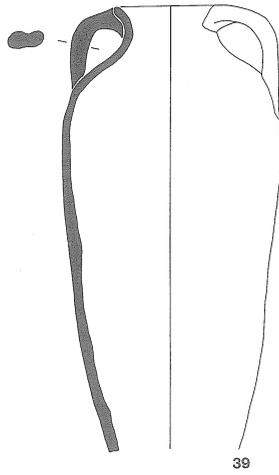
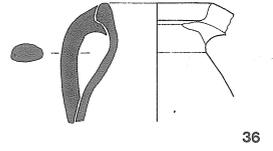
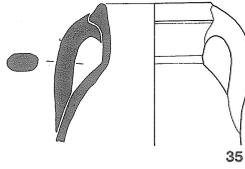
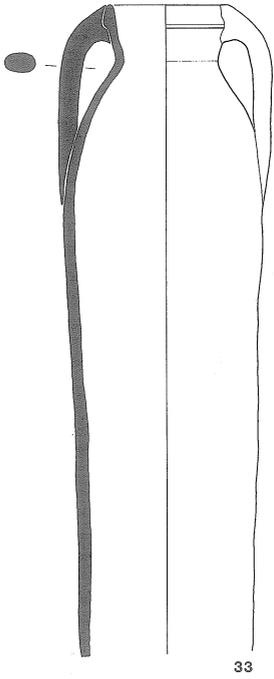


0 10cm

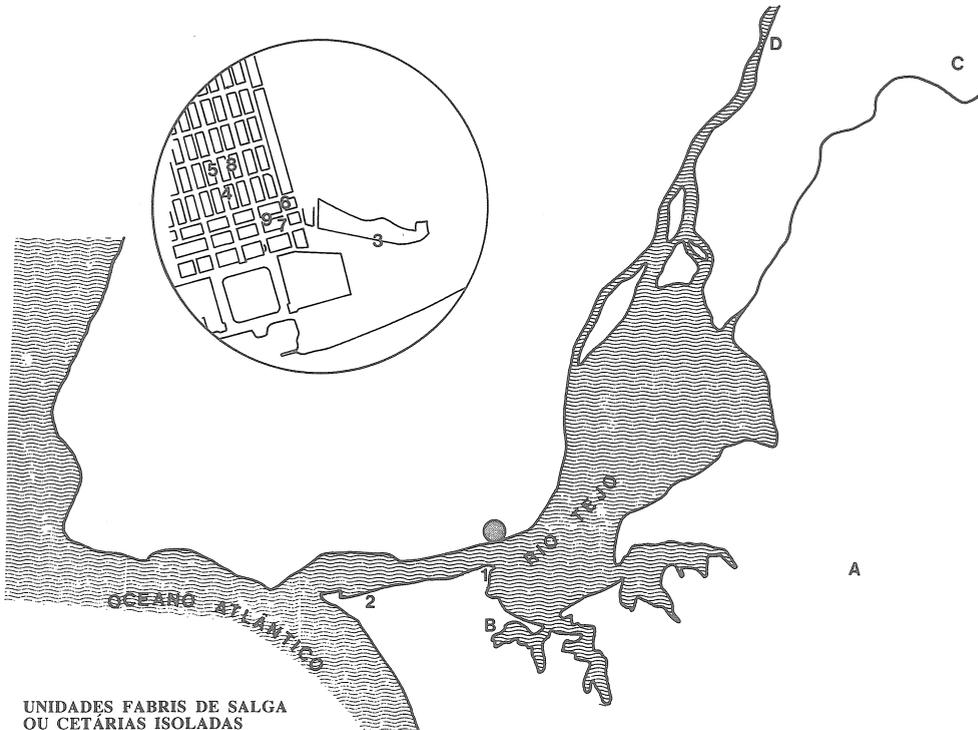




Est. VII







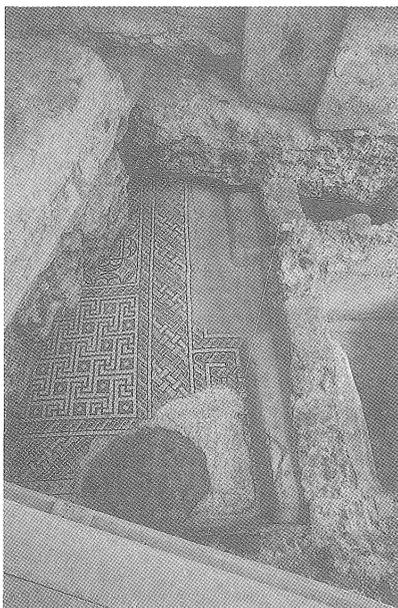
**UNIDADES FABRIS DE SALGA
OU CETÁRIAS ISOLADAS**

- 1- Unidade Fabril, Cacilhas (escavada).
- 2- Cetária, Porto Brandão (reconhecida).
- 3- Unidade Fabril, Casa dos Bicos (escavada).
- 4- Unidades Fabris, BCP (escavada).
- 5- Cetária, Mandarim Chinês (reconhecida).
- 6- Cetária, Rua dos Fanqueiros (acompanhamento de obra).
- 7- Cetária, Rua dos Fanqueiros (escavada).
- 8- Cetária, Rua dos Correiros (escavada).
- 9- Cetária, Rua de S. Julião (em fase de acompanhamento de obra).

FORNOS

- A- Porto dos Cacos, Herdade de Rio Frio.
- B- Quinta do Rouxinol, Corroios.
- C- Garrocheira, Benavente.
- D- Porto Sabugueiro, Muge.

Planta II.



Dois aspectos do mosaico policromático encontrado na cave da futura sede do BCP, Rua dos Correiros, Lisboa. O mosaico encontra-se integrado numa estrutura de banhos, ainda não totalmente escavada e que se situa na área anexa à zona fabril.